



EXPRESSO ONLINE

LOGIN

REGISTO

1ª PÁGINA

REVISTA

OPINIÃO

PAÍS

ECONOMIA

INTERNACIONAL

DESPORTO

VIDAS

C

PESQUISA

FÓRUMS

PUBLICAÇÕES

GUIAS

DOSSIERS

ÍNDICE

EDIÇÕES

COMENTÁ

opinião

5/10/2002

OPINIÃO ECONOMIA

## Independência e economia ibérica

**José Albuquerque Tavares\***

HÁ DÉCADA e meia, quando Portugal acedia à então Comunidade Económica Europeia, um prestigiado ex-ministro dos Negócios Estrangeiros avisava que a Europa não era para ficar mas que o processo europeu arrastava a integração económica ibérica e a perda da nossa independência. Esta nossa desconfiança em relação a Espanha sobreviveu bem a muitos séculos de história. As elites (ou nem por isso) portuguesas oscilam entre o fascínio pela «prensa del corazón» e o puro pavor face a uma «invasão» económica espanhola. Um e outro, o fascínio e o pavor, são despropositados. Portugal pode e deve beneficiar de uma economia espanhola cuja força está para ficar.

Ao mesmo tempo que se afirma economicamente, a Espanha vive um processo de autonomização progressiva das suas regiões. O quadro político ibérico está em mudança - é uma mudança lenta, irreversível ou não, mas inexorável. Neste quadro a única certeza partilhada pelas regiões de Espanha é o desejo de continuar parte de uma grande economia ibérica. Para a Catalunha, a Galiza ou o País Basco, a evolução política sem alteração do quadro económico é a grande tendência. Portugal deve seguir o caminho exactamente oposto. Sem alterar uma vírgula ao seu quadro político, Portugal independente deve transformar as suas relações económicas com a Espanha. Como? Tornando o mercado ibérico uma realidade tão profunda que os empresários e os cidadãos portugueses tenham a mesma presença na economia ibérica que têm hoje os empresários da Catalunha, da Galiza ou qualquer outro canto da Península.

Qual é então o valor de derrubar a fronteira económica entre Portugal e Espanha? De muitas métricas possíveis, é útil olhar um artigo recente dos economistas Spolaore e Wacziarg, das universidades de Brown e de Stanford nos Estados Unidos da América. A sua proposta é avaliar o impacto sobre o crescimento económico e o rendimento pessoal no longo-prazo resultante da abolição de fronteiras entre países vizinhos. Para estes economistas a abolição de fronteiras é benéfica pois cada economia passa a beneficiar de um mercado maior, as suas empresas de uma maior escala de produção. A este efeito positivo chamam Spolaore e Wacziarg de efeito dimensão de Mercado. Os resultados que nos interessam especialmente são os seguintes: a integração das economias ibéricas elevaria o rendimento «per capita» português em cerca de 24%, enquanto

a Espanha ganharia cerca de 7% em relação ao seu rendimento actual. Outra coisa não se esperava, uma vez que o produto da nossa economia é bastante menor que o da espanhola. O que é interessante é notar como, para o conjunto dos países vizinhos estudados por estes autores, o ganho médio com a integração é de 10% do rendimento. Por outras palavras, o mercado que Portugal tem à sua porta até é bastante apetecível.

Mas a eventual integração de mercados também pode acarretar perdas de rendimento. Em primeiro lugar porque as unidades económicas de maior dimensão e produto criam desvio de comércio, privilegiando as trocas internas relativamente às externas. Se acreditarmos, como a evidência empírica sugere, que menos comércio leva a menor crescimento, este efeito desvio de comércio diminui o rendimento «per capita». Mais, a este efeito negativo de desvio de comércio soma-se a hipotética convergência entre países de outros factores que determinam o crescimento económico - do peso do estado e dos investimento em capital físico e capital humano até à taxa de fertilidade. A integração «completa» de dois países pode assim beneficiar um país à custa do outro. Com a fusão tende a ganhar o país com piores instituições e a perder o que tem melhores instituições. Juntando estes efeitos a possível integração da economia ibérica passa a afectar Portugal e Espanha de forma assimétrica. Enquanto Portugal beneficiaria desta integração «completa», na estimativa dos autores chegando a beneficiar de um aumento do rendimento de longo prazo de 70%, a Espanha perderia cerca de 11%.

Qual é a relevância deste tipo de estudo? Alguma. É evidente que se esquecem muitos factores importantes. Por isso um dos pares de países em que ambos beneficiam da integração económica completa é a Índia e o Paquistão, que não são exemplo de convivência pacífica, actual ou futura. É também claro que, no caso ibérico, os benefícios da integração podem ser garantido no quadro da integração europeia. Mas este estudo é suficientemente importante para exigir uma mudança radical do modo de pensar dos nossos decisores políticos. Porque os ganhos da integração económica ibérica são consideráveis e Portugal tem mais a ganhar que a Espanha. Em resumo, talvez seja hora de criar um Ministério da Integração Económica Ibérica, que garanta o acesso de empresários e trabalhadores portugueses ao mercado espanhol em condições tão boas como as que a Espanha consegue garantir aos seus cidadãos. Para tornar efectiva a integração ibérica, Portugal deve escudar-se sem reticências em toda e qualquer norma europeia que impeça a discriminação entre nacionais e membros da União Europeia.

No futuro, independência sem prosperidade pode não passar de uma ficção. Um mercado ibérico realmente integrado é uma peça fundamental da nossa independência política. Porque é crucial para a nossa prosperidade económica.

\* Professor na Faculdade de Economia da UNL

E-mail: jtavares@fe.unl.pt

COMENTÁRIOS (6)